



Rogério Martins Marlier

Luis Gustavo Patrocino

Fábio Lanza

**IX ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA**

**GT 16: CULTURAS JUVENIS NA ESCOLA**

**ENTRE O AUTORITARISMO E A DEMOCRACIA**

**UM ESTUDO SOBRE A CULTURA POLÍTICA DOS  
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO IFPR**

São Paulo

2025

# ENTRE O AUTORITARISMO E A DEMOCRACIA

## UM ESTUDO SOBRE A CULTURA POLÍTICA DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO IFPR

Rogério Martins Marlier<sup>1</sup>  
Luis Gustavo Patrocino<sup>2</sup>  
Fabio Lanza<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta os resultados parciais da pesquisa de doutorado “Análise do perfil sociopolítico dos estudantes do Ensino Médio do Instituto Federal do Paraná (IFPR)” junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UEL PR). Esta investigação tem o intuito de elaborar índices que medem a capacidade dos indivíduos de expressarem sua conformação com as dinâmicas conflituosas da cultura política nacional. Para tanto, estamos organizando um *survey online* com uma amostra de 8.803 estudantes matriculados nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio de 25 campus do IFPR (INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ, 2024). A coleta de dados foi organizada por meio de questionário fechado contendo perguntas socioeconômicas, questões sobre uso de redes sociais na internet e três escalas Likert com assertivas sobre padrões culturais que indicam a propensão a atitudes autoritárias, disposição à ideais democráticos e inclinação à valores neoliberais e meritocráticos. Neste trabalho apresentaremos os testes realizados na pesquisa piloto realizada com uma turma de terceiro ano do Ensino Médio do campus Londrina, da qual foram obtidas 26 respostas ao questionário. Dessa forma, para compreender a cultura política dos jovens no ensino médio é importante identificar o perfil social, econômico e cultural dos estudantes, a fim de entender os processos que possibilitam o apoio à atitudes antidemocráticas e que podem influenciar na legitimidade das instituições de ensino.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Mestre em Ciências Sociais (UEL), graduado em Ciências Sociais (UEL). Docente de Sociologia do Instituto Federal do Paraná do Campus Londrina. E-mail: rogerio.marlier@ifpr.edu.br

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais (UNESP Marília), Mestre em Ciências Sociais, Especialista em Estatística com Ênfase em Pesquisa Quantitativa e Licenciado/Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina. Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica do Brasil. Atua como Professor de Sociologia no Instituto Federal do Mato Grosso do Sul. E-mail: luis.patrocino@ifms.edu.br

<sup>3</sup> Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP). Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais, docente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (UFCE-UEL). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Londrina/PR. E-mail de contato: lanza@uel.br



A compreensão do perfil sociopolítico dos estudantes, no que tange a reprodução de discursos antidemocráticos, está alinhada à algumas inquietações que estão no cerne desta pesquisa: Há dentre os sujeitos pesquisados propensão ao autoritarismo e como esse índice se relaciona com o apoio à democracia? É possível correlacionar o apoio à ideologia neoliberal-meritocrática com o autoritarismo? Quais são os perfis mais suscetíveis ao autoritarismo? Esses indicadores podem ajudar a compreender a legitimidade democrática no perfil dos estudantes do IFPR? A hipótese central desta investigação sustenta que os jovens manifestam uma ambivalência quanto à especificação de seus princípios políticos. Este fenômeno se expressa na coexistência paradoxal de elevados índices de apoio declarado à democracia com significativa propensão a posturas autoritárias. Tal configuração sugere um endosso meramente formal ao regime democrático, o qual contrasta com a predisposição para comportamentos autoritários. Conseqüentemente, a pesquisa parte do entendimento de que persiste a probabilidade de engajamento juvenil em movimentos de extrema-direita devido a consolidação de valores culturais autoritários.

As juventudes quando se identificam com o discurso autoritário, podem demonstrar também, ceticismo com a instituição escolar, tendo em vista que o anti-intelectualismo é um dos pilares ideológicos da extrema-direita. A escola foi um dos primeiros espaços disputados por esses movimentos, que já em 2011, com as mobilizações contra a “ideologia de gênero”, “Kit Gay”, e em seguida com o movimento “Escola sem Partido”, provocou uma crescente onda de pânico moral contra a educação e os educadores, vistos como bodes expiatórios (GUILHERME e PICOLI, 2018, BRANCOLI, 2024).

No relatório “O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental” produzido pelo grupo de transição do governo Lula em dezembro de 2022, foi apontado o aumento de ataques violentos nas escolas brasileiras que somaram ao todo 16 casos desde a primeira década do século XXI, com 04 deles ocorrendo em 2022 (GRUPO TEMÁTICO DE EDUCAÇÃO EQUIPE DE TRANSIÇÃO GOVERNAMENTAL, 2022 p. 03). Os traços comuns desses ataques são, a identidade política de extrema-direita, professada pela maioria dos autores, e a forma virtual de organização e recrutamento em grupos on-line que defendem as pautas de extrema-direita de maneira violenta. Estes grupos são influenciados por redes internacionais, e os Estados Unidos é o país com maior incidência de ataques violentos contra as escolas. A violência presente nesses ataques, mostra um dos efeitos da ascensão da extrema-direita no Brasil, que pode ser percebido na realidade escolar. As Instituições de Ensino estão no centro de uma guerra cultural que coloca em questão



a formação da cultura política dos jovens, portanto mensurar os seus valores culturais contribui para o entendimento do problema.

Neste artigo serão esboçados em primeiro lugar, uma apresentação preliminar da revisão teórica sobre os conceitos de juventude, cultura política e socialização, com embasamento na teoria social de Theodor Adorno. Em seguida será descrita a metodologia utilizada na pesquisa, com enfoque na formação da escala de autoritarismo. Por último serão apontados os exercícios de análise realizados na pesquisa piloto.

### **JUVENTUDE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA**

Nos últimos anos, o Brasil vivenciou uma profunda crise institucional que afetou a estabilidade de suas instituições políticas. Esse cenário contribuiu para uma ampliação da desconfiança em relação às instituições democráticas, e também propiciou o ressurgimento de movimentos políticos de extrema-direita que viram na crise uma oportunidade (ARRUDA, 2018; LIMONGI e FIGUEIREDO, 2017; GIMENES, 2014). Alimentados pela perda da confiança na política e com um discurso antissistema, esses movimentos ganharam projeção e adesão popular o que proporcionou sucessos eleitorais consecutivos desde 2018. Alinhados a discursos tradicionalistas, a extrema-direita encontrou no desgaste institucional um terreno fértil para a mobilização, resultando na eleição de Jair Bolsonaro à presidência em 2018 e gerando um contínuo crescimento do movimento mesmo depois da derrota de Bolsonaro para Lula em 2022 na disputa presidencial.

As crenças e valores dos indivíduos, portanto, desempenham um papel central no funcionamento de qualquer sistema político, especialmente em regimes democráticos. Em uma democracia, a confiança nas instituições públicas está atrelada à convicção na participação popular não só no processo eleitoral, mas na vida cidadã. A legitimidade da democracia, dessa forma, depende da confiança que os cidadãos depositam nela, bem como do compromisso de uma parte significativa dos agentes políticos com os princípios democráticos.

No Brasil a cultura política aceita alguns princípios da democracia ao mesmo tempo que mantém traços autoritários decorrentes das experiências antidemocráticas observadas na história brasileira (BAQUERO, 2008). Dessa forma, o apoio popular às agendas autoritárias dos movimentos de extrema-direita, tencionam o consenso democrático questionando a validade de valores como, por exemplo, a pluralidade de ideias, as liberdades civis de grupos minoritários e a luta contra o preconceito. Nesse sentido, compreender a dinâmica da cultura política depende da observação de como os indivíduos manifestam suas crenças e de como elas se traduzem em ações que podem legitimar ou deslegitimar consensos sociais.



A cultura juvenil no Brasil está profundamente entrelaçada com esses processos, refletindo as tensões estruturais da sociedade brasileira. Estudar o perfil dos estudantes de Ensino Médio do IFPR, nos coloca diante de um processo decisivo de transformação e formação de identidade no curso da vida. Segundo Araújo (2016), a juventude pode ser entendida, de maneira formal, por dois indicadores de faixa etária, o da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o da Organização Mundial da Saúde (OMS). Para a UNESCO a juventude se estabelece entre os 15 e 29 anos de idade, enquanto que para a OMS, ela está localizada entre os 15 e 24 anos de idade. No Brasil, o Estatuto da Juventude delimita a faixa etária seguindo os parâmetros da UNESCO, observando um processo de extensão temporal no reconhecimento das juventudes que está ligada aos aspectos culturais da sociedade contemporânea (GROPPO, 2017). Se por um lado, a juventude é entendida como uma categoria, por outro temos os jovens que são os sujeitos nela implicados (ARANTES e SILVA, 2018).

A sociologia, por sua vez, não se apega apenas às definições das instâncias públicas, ela procura também observar a juventude pelos processos sociais que se formam nas transições etárias e afetam os jovens durante o curso da vida (GROPPO, 2017). A juventude pode então ser definida como um status intermediário entre a infância e a vida adulta, na qual os indivíduos possuem uma autonomia relativa diante da sociedade (GROPPO, 2017). Seguindo esse princípio, a juventude é uma categoria sociohistórica relacionada com o status que os indivíduos adquirem a partir de uma idade delimitada pelas regras e leis de uma sociedade, mas que ainda não possuem autonomia completa e vivem sobre certa dependência perante a família e demais instituições sociais. Consequentemente, ela é determinada por processos históricos, fruto das mudanças sociais da modernidade e da sociedade industrial e pode ser alterada pela dinâmica das relações sociais (PERALVA, 1997). Para Groppo (2017), a institucionalização e cronologização do curso da vida, é uma característica das sociedades modernas que procuram delimitar os marcadores de transição etária para que exista uma relação linear no atendimento dos indivíduos nas instituições públicas (GROPPO, 2017).

Todos esses eventos de transição constituem a forma encontrada nas sociedades para ressignificar as transformações biológicas e psicológicas dos indivíduos, por essa razão, Peralva (1997) ressalta que a juventude já foi conceituada em outras sociedades, mas, o que diferencia a juventude moderna das sociedades antigas são as particularidades das relações sociais que envolvem os jovens e também a infância (PERALVA, 1997, p. 16). Dessa forma, mesmo tendo um padrão universal, baseado nas transformações biológicas e psicológicas, a juventude é



socialmente referenciada gerando uma variedade de interpretações conforme os costumes de cada sociedade (DAYRELL, 2003).

O conceito de juventude pode ser constantemente redimensionado a partir de diversos fatores decorrentes da estratificação social, como, raça, classe social, gênero, religiosidade, entre outros. (ARAÚJO, 2016). Para Dayrell (2006), as juventudes que frequentam a escola pública pertencem, geralmente às classes mais baixas, formando um processo desigual, no entanto, as visões de mundo, angústias e dilemas sociais podem ser compartilhados por jovens pertencentes às outras camadas sociais (DAYRELL, 2006). Dessa forma, o termo juventude se apresenta com uma complexidade que o impede de ser tratado meramente como um elemento etário na construção das identidades sociais, ele, por outro lado, está associado a processos sociais e culturais que reforçam a sua condição e geram expectativas, entendimentos e ações sociais, formando visões de mundo (ARAÚJO, 2016; DAYRELL, 2006).

As relações intersubjetivas são tensionadas por essa dinâmica relacional que ajudam a compreender a formação política de jovens matriculados no Ensino Médio do IFPR. Estudar o perfil sociopolítico deles contribuirá para a compreensão do efeito desses processos sobre a identificação dos indivíduos numa idade importante de consolidação de valores e convicções. Para tanto será necessário, em primeiro lugar, depreender os fundamentos teóricos da sociologia crítica de Adorno, que esmiúça a relação entre estrutura e agência. Entendendo as características da dialética relacional da sociologia crítica de Adorno, será possível identificar a formação das subjetividades autoritárias e as diversas dimensões de socialização política de jovens, principalmente em ambientes online, lugar onde ocorrem as principais disputas observadas no capítulo anterior e um relevante espaço de correlação dos processos de socialização dos jovens.

## **NEXO SOCIAL E SOCIALIZAÇÃO EM ADORNO**

Entender a sociedade, para Adorno significa compreender o processo de socialização, ou seja, a existência de um “nexo” onde todos os indivíduos estão conectados que possibilita e é possibilitado pelas relações de troca individuais (ADORNO, 2008). Logo, a troca se torna o elemento concreto da individuação, como afirma Adorno (2008):

(...) é a relação de troca, que unifica virtualmente todos os homens participantes desse conceito de sociedade e em certo sentido, dito com certa cautela, representa inclusive o pressuposto das sociedades pós-capitalistas, em que seguramente a troca não poderá ser negada. (ADORNO, 2008, p. 106).

Para Adorno, isso não significa dizer que tudo se relaciona com tudo, mas significa que a própria totalidade está circunscrita no processo de troca que fundamenta a socialização. As relações de troca são observadas no âmbito material das relações de produção e em última instância, de maneira ontológica, na sobrevivência humana, por isso ela transcende as



sociedades humanas e se encontra materializada nas relações de trabalho e aparentemente na forma do dinheiro, na sociedade capitalista. (ADORNO, 2008, p. 107).

Para Adorno, a sociologia dialética não considera o conceito de sociedade como a somatória de todas as pessoas. O conceito de sociedade é funcional porque entende a essência da individualidade enquanto fruto de um intenso processo relacional:

"... como as pessoas existem para as outras e são determinadas essencialmente como trabalhadores, deixam de ser mera existência, mero em-si ou estado factual, mas determinam-se a si próprias mediante o que fazem e mediante a relação que reina entre elas, ou seja, a relação de troca." (ADORNO, 2008, p. 110).

A sociedade se define empiricamente pela relação entre pessoas, muito diferente do que faz Durkheim ao hipostasiar a sociedade como uma realidade de segundo grau. Por outro lado, Adorno mostra que também seria absurdo compreender a sociedade a partir de indivíduos isolados. Para Adorno, "o conceito de sociedade pode ser pensado justamente como uma relação mediada e mediadora entre os homens isolados e não como um mero aglomerado" (ADORNO, 2008, p. 110). Neste sentido, a sociedade contém em si ambos os momentos, não sendo assim, a mera soma ou aglomeração de indivíduos e tão pouco, um conceito absoluto e totalizante, acima das relações sociais.

Só existem indivíduos na referência à sociedade em que vivem. Só existe sociedade, mediada por indivíduos, como afirma Adorno,

"não há sociedade sem que seu próprio conceito seja mediado pelos indivíduos, pois o processo pelo qual ela se preserva é, afinal, o processo de vida, o processo de trabalho, o processo de produção e reprodução que se conserva mediante os indivíduos isolados, socializados na sociedade." (ADORNO, 2008, p. 120).

Além da relação entre sujeito e objeto (agência e estrutura), existe outro modelo epistemológico que é necessário pautar na análise da sociedade: A dinâmica social, ou a relação processual e histórica da sociedade. Para Adorno, na dinâmica social estão as relações de poder, dominação, o controle social e principalmente o conflito social. A dinâmica da sociedade está associada ao processo histórico da sociedade capitalista. (ADORNO, 2008, p. 121).

A dinâmica da sociedade capitalista pode ser entendida na forma da expansão econômica, o que gera como resultado a sua conservação. Para Adorno, a sociedade só pode ser entendida a partir do seu significado atual e não de um conceito abstrato. Dessa forma, a dinâmica social está relacionada ao processo material histórico desenvolvido a partir das relações de trabalho e condicionadas por um processo de dominação encadeado por classes dentro do sistema produtivo. Esse entendimento sociológico é possível pela aproximação com a economia política, o que faz a sociologia crítica se distanciar do entendimento de dinâmica social da sociologia positivista. (ADORNO, 2008, p. 122).



Na tentativa de não fazer a teoria crítica ser confundida com as teorias holistas, Adorno mostra que o conceito de totalidade não é uma "comunhão imediata" que integra todas as pessoas, mas é condicionado pela diferenciação, ocasionada pela separação dos indivíduos na divisão do trabalho da sociedade capitalista. (ADORNO, 2008, p. 127). Dessa forma, “A totalidade só se constitui pelo interesse antagônico dos indivíduos, o que coloca no movimento racional da totalidade, a irracionalidade enquanto princípio da agência humana”. (ADORNO, 2008, p. 128).

Logo, o irracionalismo dos interesses individuais se confronta com a racionalidade da estrutura social e suas instituições. Dito de outra forma, para Adorno, a integração social é acompanhada pela desintegração social. (ADORNO, 2008, p. 129). Ou seja, não existe integração totalizante, pois, o conflito é inerente aos processos sociais.

Portanto, a dinâmica contraditória do capitalismo desenvolvido no Brasil se reflete na crise política permanente que tensiona as bases da democracia. Essa formação cultural transcende as agências de socialização e reproduz valores (ant)agônicos que se refletem nas relações intersubjetivas. Assim, os sujeitos autoritários se orientam pelas gratificações emocionais e fortalecem a identificação com as políticas da extrema-direita que luta para conquistar a hegemonia cultural. O sujeito atua como mediador, internalizando uma estrutura social embasada na ideologia autoritária e, ao mesmo tempo, atua na sua disseminação (COSTA, 2022).

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa, foi aprovada no Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina nº 76814623.1.0000.5231 e pelo Comitê de Ética do Instituto Federal do Paraná nº 76814623.1.3001.8156. A metodologia é quantitativa e se baseia na elaboração de um levantamento com questionário online fechado distribuído para os estudantes secundaristas de 26 campus do IFPR. Antes de iniciar a pesquisa com todos os campus foi realizado um pré-teste com uma turma do terceiro ano do Curso de Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do campus Londrina do IFPR. Nesse teste foram colhidas 26 respostas entre estudantes com idades entre 16 e 17 anos. Os termos de consentimento e assentimento, bem como o consentimento dos pais de alunos menores de idade, foram recolhidos em formulários *online*. A aplicação do questionário foi realizada em laboratório de informática com acesso à internet.

O questionário foi elaborado com três escalas: a escala que mede a propensão ao autoritarismo mediu três padrões, convencionalismo, violência autoritária e submissão à

autoridade distribuídos em 17 itens (FBSP, 2017). A escala democrática foi elaborada com 7 itens com maior carga fatorial de propensão à democracia, adaptadas da pesquisa FBSP (2022). Uma outra escala também foi utilizada,, de elaboração própria, que mensura o apoio a posições economicamente neoliberais e à ideologia da meritocracia com 8 assertivas. Outras questões de perfil sociocultural foram distribuídas no formulário como, informações socioculturais identificando o sexo, a orientação sexual, a cor ou etnia e qual a identidade religiosa. Por último, foram feitas perguntas sobre o uso da internet e de mídias online e offline, organizadas em torno de parâmetros como a quantidade de tempo gasto no acesso, a confiança nessas mídias, a quantidade de tempo gasto em interações em grupos online, e a confiança em informações provenientes desses grupos.

Os 17 itens da escala que medem o autoritarismo são baseados nas primeiras três das nove dimensões da *escala F<sup>4</sup>* (F de fascismo), que são elas, submissão à autoridade, agressividade autoritária e convencionalismo. (FBSP, 2017, p. 10).

O convencionalismo mede a adesão rígida a valores convencionais, como o apego à normas morais, à tradição e costumes e uma inclinação à punição de quem não segue os costumes morais. Já a dimensão “submissão à autoridade” representa a adesão acrítica e submissa às autoridades que participam do *ingroup*, isto é, aquelas autoridades que compartilham os mesmos costumes e pensamentos.

A concordância com os itens desta dimensão não denota apenas um respeito equilibrado e razoável a uma autoridade válida, derivada de normas e acordos socialmente construídos, mas uma necessidade exagerada de submissão a uma pessoa idealmente detentora de carisma e “virtudes” morais específicas. (FBSP, 2017, p. 11).

E por último a dimensão da “agressividade autoritária”, que procura mensurar a capacidade dos indivíduos de condenar, rejeitar e punir (violentamente) as pessoas que violam os valores e costumes que eles consideram tradicionais. Assim, essas pessoas são propensas a pensar em punições violentas para todas as pessoas que pertencem a *outgroups*, ou seja, aquelas que não obedecem aos valores tradicionais, as ordens dos dirigentes e respeitam os costumes tradicionalistas.

Em relação à realidade brasileira, esta questão lembra a recente onda moralista, que clama por censura e denúncia de exposições artísticas e culturais que recorrem a nudez e as tratam, independente de maiores apurações, como imorais e apologéticas de pedofilia. Adicionalmente, esta dimensão também se caracteriza pela oposição ao que é difícil de compreender, à introspecção, imaginação e intelectualidade, como atesta a afirmação: “se falássemos menos e trabalhássemos mais, todos estaríamos melhor”. (FBSP, 2017, p. 11).

---

<sup>4</sup> Escala que mede o autoritarismo criada por Adorno e uma equipe de pesquisadores em uma pesquisa realizada na segunda metade da década de 1940 nos Estados Unidos e publicada em 1950 no livro *The Authoritarian Personality*.



As três dimensões da *escala F* de Adorno procuram compreender a subjetividade autoritária em potencial, visto que nas sociedades democráticas (em especial, nos Estados Unidos da América), o posicionamento autoritário não é hegemônico e, portanto, não é declarado. O autoritarismo enquanto característica da personalidade potencializaria ações antidemocráticas, pois é formado por um etnocentrismo generalizado que perpassa o racismo, a misoginia, a xenofobia entre outros (ADORNO, 2019).

Os itens da *escala F* foram organizados seguindo o método Likert de elaboração de escalas. Os questionários baseados em escalas no método Likert, são formados por assertivas nas quais as pessoas respondem concordando ou discordando.

“As respostas aos itens dos questionários foram organizadas segundo o método Likert: concordava-se muito (+3), médio (+2) ou pouco (+1), ou ainda discordava-se muito (-3), médio (-2) ou pouco (-1) com cada um dos itens. As respostas foram convertidas em pontuações: concorda muito (+3) = 7 pontos; concorda médio (+2) = 6 pontos; concorda pouco (+1) = 5 pontos; discorda pouco (-1) = 3 pontos; discorda médio (-2) = 2 pontos; discorda muito [-3] = 1 ponto”. (COSTA, 2019, p. 40).

Dessa forma, a pontuação dos indivíduos é feita somando-se os pontos de cada afirmativa e gerando um score geral individual que depois passa por um processo de quantificação, fornecendo uma medida da variável do grupo estudado. (BABBIE, 1999, p. 232). Na presente pesquisa o escore individual será calculado numa escala de concordância estruturada em 6 níveis (concorda totalmente, concorda, concorda parcialmente; discorda parcialmente, discorda, e discorda totalmente), formando assim, um índice individualizado numa escala de 1 à 10 pontos por assertiva, sendo considerado baixo de 1 à 3, moderado de 4 à 6 e forte de 7 à 10 (FBSP, 2017).

As escalas foram aplicadas já na segunda seção, entendendo que é provável que o estudante inicie o preenchimento de formulários online e encerre no meio do questionário. Dessa forma, na segunda seção, denominada “Valores Socioculturais” foi trabalhada a dimensão “submissão à autoridade” extraída das pesquisas do FBSP (2017; 2022) como consta no quadro 1. A métrica varia de 1 à 6 na escala de concordância e quanto mais alta a pontuação, mais alta a tendência para as posições autoritárias.

**Quadro 1** – Valores Socioculturais (Índice de Propensão ao Apoio a Posições Autoritárias – Submissão à autoridade)

Nº	Assertivas	Métrica
8	O que este país necessita, principalmente, antes de leis ou planos políticos, é de alguns líderes valentes, incansáveis e dedicados em quem o povo possa depositar a sua fé.	Classifique as seguintes afirmações, de acordo com aquilo que você acredita
9	A obediência e o respeito à autoridade são as principais coisas que devemos ensinar as nossas crianças.	1(Concordo Totalmente) 2(Concordo)



10	Não há nada pior do que uma pessoa que não sente profundo amor, gratidão e respeito por seus pais.	3 (Concordo parcialmente) 4(Discordo parcialmente)
11	Nenhuma pessoa decente, normal e em seu são juízo, pensaria em ofender um amigo ou parente próximo.	5 (Discordo) 6 (Discordo totalmente)
12	O policial é um guerreiro de Deus para impor a ordem e proteger as pessoas de bem.	

A seção seguinte trata da dimensão da agressividade autoritária do Índice de Propensão a Posições Autoritárias do FBSP (2017, 2022). Dessa forma, no quadro 2, os itens “As pessoas que atacam nossa honra, deveriam ser castigadas” e “Os crimes sexuais, tais como o estupro ou pedofilia, merecem mais que prisão; quem comete esses crimes deveria receber punição física publicamente ou um castigo pior”, sofreram alterações pontuais para ficarem mais compreensíveis para os estudantes.

**Quadro 2 – Valores Socioculturais (Índice de Propensão ao Apoio a Posições Autoritárias – Agressividade Autoritária)**

Nº	Assertivas	Métrica
20	A maioria de nossos problemas estaria resolvida se pudéssemos nos livrar das pessoas imorais, dos marginais e dos perversos.	Classifique as seguintes afirmações, de acordo com aquilo que você acredita
21	Se falássemos menos e trabalhássemos mais, todos estaríamos melhor.	1(Concordo Totalmente)
22	As pessoas que atacam nossa honra, deveriam ser castigadas.	2(Concordo)
23	Os crimes sexuais, tais como o estupro ou pedofilia, merecem mais que prisão; quem comete esses crimes deveria receber punição física publicamente ou um castigo pior.	3 (Concordo parcialmente) 4(Discordo parcialmente) 5 (Discordo) 6 (Discordo totalmente)
24	Os homossexuais são quase criminosos e deveriam receber um castigo severo.	
25	Às vezes, os jovens têm ideias rebeldes que, com os anos, deverão superar para acalmar os seus pensamentos.	
26	Hoje em dia, as pessoas se intrometem cada vez mais em assuntos que deveriam ser somente pessoais e privados	

No quadro 3 se encontra a última dimensão da *escala F*, o “convencionalismo” da adaptado das pesquisas do FBSP (2017 e 2022). O primeiro item, “A ciência é fundamental, mas há coisas importantes que a mente humana jamais poderá compreender”, foi alterado levemente com a intenção de se tornar mais inteligível para estudantes de Ensino Médio. O item 36, “Os seres humanos podem ser divididos em duas classes: os fracos e os fortes”, também foi modificado, trocando a expressão “homens”, por “seres humanos” para que o gênero da frase ficasse indeterminado. Foram acrescentados 4 novos itens (40,41,42 e 43) com a finalidade de atualizar a dinâmica dos valores estereotipados de extrema-direita com respeito aos aspectos culturais da sociedade. A assertiva “As obras de arte são muito belas, mas a arte abstrata que não representa nada não deve ser considerada arte” foi acrescentada com base no questionário



da escala social do *Political Compass*, para aferir o desprezo pela arte e cultura contemporâneos, característicos dos movimentos de extrema-direita atuais. Os itens 40, 41 são de autoria própria baseadas na pós-verdade e crença em desinformação, que, fazem parte dessa cultura autoritária. Por fim, o item 43 é de autoria própria baseado nos estudos de Dyrendal, Kennair e Bendixen (2021), sobre a mentalidade conspiratória relacionada com outras escalas que medem a personalidade esquizotípica, o autoritarismo de direita e a crença em fenômenos paranormais. A assertiva “Não é difícil imaginar que um grupo pequeno de pessoas poderosas possa estar por trás da crise que vivemos”, foi estruturada para que generalizasse a crença conspiracionista, baseado em Dyrendal, Kennair e Bendixen (2021).

**Quadro 3** – Valores Socioculturais (Índice de Propensão ao Apoio a Posições Autoritárias – Convencionalismo).

Nº	Assertivas	Métrica
35	A ciência é fundamental, mas há coisas importantes que a mente humana jamais poderá compreender.	Classifique as seguintes afirmações, de acordo com aquilo que você acredita
36	Os seres humanos podem ser divididos em duas classes: os fracos e os fortes.	
37	Um indivíduo de más maneiras, maus costumes e má educação dificilmente pode fazer amizade com pessoas decentes.	1(Concordo Totalmente)
38	Todos devemos ter fé em um poder sobrenatural, cujas decisões devemos obedecer.	2(Concordo)
39	Pobreza é consequência da falta de vontade de querer trabalhar.	3 (Concordo parcialmente)
40	As obras de arte são muito belas, mas a arte abstrata que não representa nada não deve ser considerada arte.	4(Discordo parcialmente)
41	É possível concordar com o que sai nos jornais, mas nem sempre eles dizem a verdade.	5 (Discordo)
42	Hoje em dia não dá para confiar em nenhuma informação.	6 (Discordo totalmente)
43	Não é difícil imaginar que um grupo pequeno de pessoas poderosas possa estar por trás da crise que vivemos.	

Em seguida será apresentado um esboço de análise dos dados coletados no teste, será utilizada somente a dimensão da submissão à autoridade. O pré-teste não será utilizado na pesquisa, por isso, os dados que serão apresentados são apenas exercícios que foram feitos para verificar a viabilidade das escalas.

### EXERCÍCIOS DE ANÁLISE A PARTIR DO PRÉ-TESTE

Os 26 estudantes que responderam o questionário frequentam o terceiro ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio no período vespertino. Dos sujeitos pesquisados 9 se declararam mulheres e 17 homens. Com relação à orientação sexual 19 adolescentes se declaram heterossexuais, 3 bissexuais, 1 panssexual e 1 homossexual, com 2 pessoas que não souberam responder. Na pergunta sobre religião 5 se declararam agnósticos, 2 ateístas, 3 que não possuem religião e 14 cristãos, sendo 7 evangélicos e 7 católicos. Com



relação ao sistema de cotas 11 estudantes declararam que não utilizaram no processo seletivo para entrar no IFPR e 15 responderam que utilizaram. Com base nessas informações foi realizado um exercício para aferir se as dimensões da *escala F* estavam funcionais e se a hipótese confere com os dados obtidos. Logo abaixo seguem as tabelas que mostram a correlação entre a dimensão de submissão à autoridade e os estudantes cotistas e não cotistas.

**Tabela 1** – Dimensão submissão à autoridade – diferenças em valores absolutos entre estudantes cotistas e não cotistas

Utilização do Sistema de Cotas	Baixo	Forte	Moderado	Total
Não	28,57%	37,50%	54,55%	42,31%
Sim	71,43%	62,50%	45,45%	57,69%
<b>Total Geral</b>	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa APSEMIFPR, 2025. Pré-teste.

**Tabela 2** – Dimensão submissão à autoridade – diferenças em valores relativos entre estudantes cotistas e não cotistas

Utilização do Sistema de Cotas	Baixo	Forte	Moderado	Total
Não	18,18%	27,27%	54,55%	100,00%
Sim	33,33%	33,33%	33,33%	100,00%
<b>Total Geral</b>	26,92%	30,77%	42,31%	100,00%

Fonte: Pesquisa APSEMIFPR, 2025. Pré-teste.

Observa-se que 73% dos estudantes pontuaram moderado a forte na submissão à autoridade, sendo que 30,77% alcançaram pontuações altas. Dos que pontuaram forte, 62,50% são estudantes cotistas. Observa-se também que quase metade dos estudantes tiveram uma pontuação moderada, ficando abaixo das pesquisas do FBSP (2017 e 2022) que mostraram uma média geral alta para a população brasileira. Por outro lado, os baixo-pontuadores somaram apenas um quarto da população do teste, evidenciando que a pontuação, mesmo numa escala mais moderada, ainda é preocupante com relação à potencialidade ao autoritarismo.

**Tabela 3** – Propensão à submissão à autoridade e média de renda.

Propensão	Média da Renda
Baixo	R\$ 4.740,00
Forte	R\$ 7.250,00
Moderado	R\$ 4.938,50
<b>Média Geral</b>	R\$ 5.313,60

Fonte: Pesquisa APSEMIFPR, 2025. Pré-teste.

Relacionando a média de rendimentos informados de forma direta (o questionário também conta com uma forma de coleta por dispêndios) percebe-se uma aproximação das

rendas mais baixas com as baixas propensões enquanto seus opostos se agrupam. A média geral de renda geral é relativamente alta para a cidade (R\$3.186)<sup>5</sup> o que pode indicar um público com mais acessos socioculturais entre os estudantes da instituição. Ainda assim, para os propósitos do momento foi possível correlacionar as duas informações.

**Tabela 4 – Benefícios recebidos e Propensão à submissão à autoridade.**

	Baixo	Moderado	Forte	Total Geral
Não definido	100,00%	0,00%	0,00%	100,00%
Aposentadoria	60,00%	40,00%	0,00%	100,00%
Bolsa Família, Benefício de Prestação Continuada (BPC)	0,00%	100,00%	0,00%	100,00%
Cadúnico	100,00%	0,00%	0,00%	100,00%
Não recebe	11,11%	66,67%	22,22%	100,00%
<b>Total Geral</b>	<b>26,92%</b>	<b>57,69%</b>	<b>15,38%</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Pesquisa APSEMIFPR, 2025. Pré-teste.

Outra consideração se relaciona com o recebimento ou não de algum tipo de benefício social. A aposentadoria foi contida nesse item por “ter sua ‘origem’ no Estado”. Percebe-se que embora haja uma relativa ‘dependência econômica’ por parte daqueles que recebem algum benefício, são aqueles que não recebem que aparentam ter uma subserviência mais elevada em relação às autoridades.

**Tabela 5 – Renda Média de Benefícios recebidos e Propensão à submissão à autoridade.**

Benefícios recebido	Média da Renda			Média
	Baixo	Moderado	Forte	
Não definido				
Aposentadoria	R\$ 4.750,00	R\$ 8.350,00		R\$ 6.550,00
Bolsa Família, Benefício de Prestação Continuada (BPC)		R\$ 4.500,00		R\$ 4.500,00
Cadúnico	R\$ 3.000,00			R\$ 3.000,00
Não recebe	R\$ 5.600,00	R\$ 4.300,00	R\$ 7.250,00	R\$ 5.200,00
<b>Média Geral</b>	<b>R\$ 4.740,00</b>	<b>R\$ 4.938,46</b>	<b>R\$ 7.250,00</b>	<b>R\$ 5.313,64</b>

Fonte: Pesquisa APSEMIFPR, 2025. Pré-teste.

Com a tabela 5 podemos perceber que a maior renda média se posiciona como moderada e tem em seu componente a aposentadoria fato que expõe uma questão etária interessante na constituição familiar. A propensão forte só aparece em indivíduos que declararam não receber

<sup>5</sup> Segundo Perfil do Município de Londrina ano base 2023. Tabela 6.6.4 Renda média domiciliar per Capita do município de Londrina e do estado do Paraná – 1991, 2000 e 2010 era de R\$ 1.062,64 considerando a média de 3 pessoas por residência o total é de R\$ 3.186,00.



benefícios e que possuem uma média de renda de R\$7.250,00. Por outro lado, os beneficiários do Cadúnico se mostram com propensão baixa e com renda média de R\$ 3.000,00.

Os quadros apresentados, ainda que o número de respondentes e local de coleta não permitam nenhum tipo de conclusão, nos possibilitam perceber como os dados e variáveis poderão ser utilizados na pesquisa que está em andamento, através de correlações, simulação de análises e testes de organização e utilização dos programas.

Quando os estudantes se mostram propensos a se submeter à uma autoridade, não significa que eles sejam realmente submissos, mas que eles têm uma predisposição a atitudes de obediência diante de autoridades. Essa dimensão foi elaborada imaginando a obediência irrestrita, passional e exagerada à autoridade, isto é, quando o indivíduo não se reconhece numa relação de dominação ou não consegue criticar o processo de dominação. A submissão autoritária generaliza, assim, os papéis de autoridade e as suas referências e pode ser distribuída para líderes gerais como a figura paterna, o líder religioso, o *influencer* de redes digitais, líderes políticos, o Estado quando controlado pelo líder político preferido, entre outros. Nesse sentido a obediência seria autoritária não só pela impulsividade atitudinal, mas também pela capacidade de se submeter apenas a líderes do grupo de referência, isto é, o grupo pelo qual o estudante tem uma relação de pertencimento. Dessa forma, o forte apego emocional gera fidelidade e a divinização da autoridade, na qual as críticas são reprimidas e transferidas para os bodes expiatórios, geralmente na figura de minorias étnicas, imigrantes, partidos e líderes de esquerda, ou qualquer um a quem possa ser atribuído o papel de inimigo, como nas palavras de Adorno,

... a hostilidade contra as autoridades do *ingroup*, originalmente os pais, teve de ser reprimida; os aspectos “ruins” dessas figuras — que eles sejam injustos, egoístas, dominadores — são então vistos como existindo nos *outgroups*, que são acusados de ditadura, plutocracia, desejo de controle e assim por diante. E esse deslocamento de imaginários negativos não é a única maneira pela qual a hostilidade reprimida é manejada; frequentemente, ela parece encontrar expressão na agressão autoritária. (ADORNO, 2019, p. 142).

A dimensão de submissão autoritária está intimamente relacionada com a agressividade autoritária formando assim a característica sadomasoquista da personalidade autoritária e que só é possível analisada em conjunto com a dimensão do convencionalismo que é a introjeção de uma cultura com costumes rígidos. A submissão a lideranças que defendam esses costumes rígidos é derivada de uma crença profunda na rigidez de uma cultura considerada tradicional. Como essas três dimensões estão conectadas, é difícil isolar somente o aspecto masoquista de todo o resto, por isso é importante salientar que o exercício realizado aqui não tem a pretensão de evidenciar a potencialidade autoritária dos sujeitos estudados, mas sim de servir como uma referência para a análise mais ampla que será concretizada com a finalização da pesquisa de doutorado.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este teste aplicado em uma turma do campus Londrina do IFPR, os resultados provisórios permitem observar, com mais clareza, os nexos sociais que permeiam as subjetividades juvenis em formação. Somente a mensuração da escala de autoritarismo entre os estudantes não é suficiente para diagnosticar o seu perfil, serão necessários, para tanto, a comparação das variáveis socioeconômicas, de dados de cultura digital, e a utilização de outras escalas. A discussão sobre a potencialidade de adesão ao autoritarismo entre jovens é uma discussão mais ampla e que precisa se somar à outras pesquisas para uma melhor compreensão do problema. Com os dados do pré-teste foi possível realizar exercícios de correlações e simulações de análises diante de variáveis que poderão ser utilizadas na pesquisa, além de verificar a viabilidade da aplicação da *escala F*.

Portanto, estudar o perfil sociopolítico dos estudantes, é fundamental para compreender o efeito das estruturas autoritárias da sociedade brasileira sobre a identificação de indivíduos em idade de consolidação de valores e convicções políticas. Tal análise pode revelar a formação de subjetividades autoritárias nas diversas dimensões da socialização política dos jovens.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. Org. Virginia Helena Ferreira da Costa. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

\_\_\_\_\_. **Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

\_\_\_\_\_. **Introdução à sociologia**. Trad. MAAR, W. L. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ARAÚJO, Angélica Lyra de; LIMA, Ângela Maria de Sousa. LENPES e Ensino Médio: diálogos com as juventudes nas escolas públicas. **Ensino de Sociologia em Debate**. Londrina, UEL, Edição Nº. 6, Vol. 1, jan./dez. 2016.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Golpe na cultura: Intelectuais, universidade pública e contextos de crise no Brasil. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.25.1, 2018, p.32-4.

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisas de Survey**. Trad. CEZARINO, Guilherme. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1999. 519p.



BAQUERO, Marcello. Democracia formal, cultura política informal e capital social no Brasil. **Opinião Pública**. Campinas, vol. 14, nº 2, Novembro, 2008, p.380-413.

BAQUERO, Marcello; BERNARDI, Ana Julia Bonzanini; MORAIS, Jennifer Azambuja de. Padrões emergentes de uma cultura política juvenil no sul do Brasil. **E-legis**, Brasília, n. 28, p. 42-63, jan./abr. 2019.

BRANCOLI, Fernando. **Bolsonarismo**: the global origins and future of Brazil's far right. Rutgers University Press, 2024.

COSTA, Virginia Helena Ferreira da. Apresentação à edição brasileira. In.: ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. Org. Virginia Helena Ferreira da Costa. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

\_\_\_\_\_. Observações sobre 'A Personalidade Autoritária' de Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford. **Trans/Form/Ação**, Marília, SP, v. 44, n. 2, p. 345–384, 2022. [DOI: 10.1590/0101-3173.2021.v44n2.24.p345](https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n2.24.p345). Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/9878>.. Acesso em: 24 mar. 2025.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes: reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2006.

DYRENDAL, Asbjørn; KENNAIR, Leif Edward Ottesen; BENDIXEN, Mons. Predictors of belief in conspiracy theory: The role of individual differences in schizotypal traits, paranormal beliefs, social dominance orientation, right wing authoritarianism and conspiracy mentality. **Personality and Individual Differences** Vol. 173, April 2021, 110645. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.110645>.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Relatório: **Violência e democracia**: panorama brasileiro pré-eleições 2022 – percepções sobre medo de Violência, Autoritarismo e Democracia. São Paulo – SP, 2022

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Relatório: **Medo da violência e o apoio ao autoritarismo no Brasil**: Índice de propensão ao apoio a posições autoritárias. São Paulo – SP, 2017.

GIMENES, Éder Rodrigues. Cultura Política e democracia: resultados empíricos sob a perspectiva local. **Caderno eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 2, n. 1, p. 88-112, 2014.

GONZÁLEZ, Rodrigo Stumpf; CHIODI, Alexander Dugno. Socialização e trauma: efeitos da pandemia sobre opiniões e atitudes de jovens de Curitiba. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 25-49, mai.-ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-5269.134069>.

GROPPO, Luís Antônio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

GRUPO TEMÁTICO DE EDUCAÇÃO EQUIPE DE TRANSIÇÃO GOVERNAMENTAL. Relatório: **O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil**: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. Brasília, 2022.



GUILHERME, Alexandre Anselmo; PICOLI, Bruno Antônio. Escola sem Partido — elementos totalitários em uma democracia moderna: uma reflexão a partir de Arendt. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23. Rio de Janeiro, 2018. p. 01-23.

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ (IFPR). **INFO portal de informações do IFPR**. Painel de Informações. Disponível em <<https://info.ifpr.edu.br/>>. Acesso em: 13 ago. 2024.

LIMA, Caroline Oliveira Neves de. **Socialização política juvenil e adesão à valores antidemocráticos em tempos de pandemia**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Porto Alegre, 2023.o Alegre, 2023.

LIMONGI, Fernando; FIQUEIREDO, Argelina Cheibub. A crise atual e o debate institucional. **Novos Estudos CEBRAP**. v. 36.03 P. 79-97. São Paulo, nov. 2017.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , n. 05-06, p. 15-24, dez. 1997 . Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24781997000200003&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 30 jul. 2024.